

VITÓRIA (EM MEMÓRIA): ANCESTRALIDADE E CORPO NEGRO EM VIDEOPERFORMANCE

*Eixo Temático ET 15 – Corpo e Gênero na Arte como Potência e Vida em Memórias e
Resignificações da Existência*

Paulo Cesar Ferreira da Silva ¹

Ana Zeferina Ferreira Maio ²

RESUMO

Este resumo tem como objetivo relatar a experiência de produzir uma videoperformance no primeiro ano de isolamento social, em 2020, e como essa prática artística possibilitou aprofundar questões relacionadas à minha ancestralidade, auto cuidado e memórias que os corpos negros carregam consigo. No presente texto reflito acerca do apagamento histórico de pessoas negras, por meio de narrativas da minha memória ancestral, a partir do vídeo como um dispositivo ativador de memórias. Busquei em minha bisavó, Vitória Ferreira de Alcântara, benzedeira nascida em Santo Amaro — Bahia, uma referência ancestral para conduzir a criação em uma perspectiva de cura, auto preservação e cuidado coletivo.

Palavras-chave: Memórias; Ancestralidade, Videoperformance, COVID - 19.

INTRODUÇÃO

Este resumo que tem como objetivo relatar a experiência de produzir uma videoperformance no primeiro ano de isolamento social, em 2020, e como essa prática artística possibilitou aprofundar questões relacionadas à minha ancestralidade, autocuidado e memórias que os corpos negros carregam consigo. No presente texto reflito acerca do apagamento histórico de pessoas negras, por meio de narrativas da minha memória ancestral, a partir do vídeo como um dispositivo ativador de memórias. O vídeo Vitória (em memória) foi produzido em Rio Grande, no espaço doméstico, durante os primeiros meses de suspensão

¹ Graduando do Curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, pauloc-ferreira@outlook.com;

² Professora orientadora: Pós doutora, Universidade Federal do Rio Grande - FURG, anamaio@terra.com.br.

das aulas da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, em 16 de março de 2020 e o decreto municipal de isolamento social no município. As filmagens foram realizadas no ambiente do quarto, em um movimento de tornar o espaço da casa um ateliê de criação e também um refúgio. Diante de tantas mortes, com o avanço das políticas neoliberais, o descaso de líderes políticos, a crescente onda de fake news e a desinformação, ficar em casa era (é) um ato político de resistência a discursos letais. Ao ressignificar o lar, encontrei modos de unir a vida privada e as narrativas pessoais criando uma poética da memória e dos registros, que deseja perpetuar as reminiscências de meus ancestrais, em um contexto pandêmico, em que a morte se faz presente no cotidiano. Ainda, no contexto da pandemia, as incidências de mortes de pessoas negras e LGBTQIA+ cresceram muito, e estes atravessamentos, me acionaram sentimentos de desesperança e a percepção de que as vidas e suas histórias estavam sendo violentamente apagadas, e a prática artística poderia ser um modo de descortinar vozes historicamente silenciadas e afirmar nosso direito de fala por meio da linguagem (LORDE e BORGES, 2019, p. 51 - 55). Busquei em minha bisavó, Vitória Ferreira de Alcântara, benzedeira nascida em Santo Amaro - Bahia, uma referência ancestral para seguir criando em uma perspectiva de cura, auto preservação e cuidado coletivo.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A metodologia para a realização das gravações do vídeo ocorreu com uma definição de ações e linguagens que seriam incorporadas ao trabalho. Escrevi uma poesia durante o processo de luto, após a morte de pessoas próximas. Na época, o Brasil percebia, assim como o resto do globo, a violência racial como algo presente, intensificado e contraditório ao discurso de “fique em casa” como forma de se proteger, uma vez que mesmo no ambiente doméstico, jovens homens negros, principalmente, estavam sendo covardemente assassinados. Nesse sentido, ligar a televisão e acessar os sites de notícias era estar constantemente me deparando com notícias de assassinatos de jovens negros, resquício de nosso passado colonial, essa “ferida que dói sempre, por vezes infecta e outra vez sangra” (KILOMBA, 2019).

Essa situação me aproximou da escrita, pois sentia a necessidade de registrar o que pensava, além de performar para o vídeo pequeno rituais com uso de velas, folhas, água e uma pintura que fiz sobre uma caixa de papelão usando café como pigmento, em que representei a imagem de Vitória, mais de 20 anos após a sua morte.

Enquanto pesquisava para meu TCC, orientado pela professora Ana Maio, me deparei com um curioso fato, havia na zona rural de Santo Amaro, no Recôncavo Baiano, uma Unidade de Saúde da Família com o nome da minha bisavó. Percebi, então, que descendia de uma mulher cujo legado estava relacionado ao cuidado, à saúde e ao bem estar de sua comunidade, tendo por isso se tornado marcante em seu grupo social. Por conseguinte, cerca de três décadas após a sua morte, foi edificado um prédio em sua homenagem com o seu nome.

Vitória não teve a sua história registrada em livros escritos. Porém, seus feitos são contados e recontados por meio da oralidade, a partir daqueles e daquelas que cruzaram seus caminhos pelas encruzilhadas da vida. Essas/es sujeitas/os que passaram por suas mãos e foram curados de suas enfermidades com fé, gravaram em seu espírito (HALBWACHS, 1990, p. 109) a passagem dela, tão profundamente, naquela comunidade.

Incorporei a sua presença à minha poética buscando elaborar narrativas pessoais que dialogassem com as suas práticas de benzimento, saber transmitido pelas suas ancestrais. O vídeo é uma materialização da pesquisa artística, uma forma de produção sensível dedicada àquelas/es que morreram de decorrência pandemia e, também, a todas/os que se comprometeram a exercer cuidados e formas de prolongar a vida e o bem estar coletivo. Quando uma narrativa, uma vivência de uma pessoa ou grupo já se encontra muito distante das novas gerações, ou aqueles que vivenciaram o momento já estão mortos, ou sofrendo as consequências do passar do tempo “[...] o único meio de salvar tais lembranças, é fixá-las por escrito em uma narrativa seguida uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem” (HALBWACHS, 1990, p. 55). No entanto, encontrei no vídeo uma forma de registro e permanência das lembranças. Assim, escrita, oralidade e vídeo convergem para um mesmo fim.

Na primeira cena do vídeo, cito um trecho da bíblia sobre o gênesis quando digo que a criação do mundo se fez a partir do verbo (fala), e finalizo com uma poesia autoral dizendo que no passado é que se encontram as respostas. Busco dialogar com o pensamento de Ailton Krenak, ao afirmar que “o presente é ancestral”, e seu livro *Ideias Para Adiar O Fim do Mundo*, em que o autor retoma a ideia da oralidade como uma força vital, e a contação de histórias por aqueles que ainda experienciam os prazeres da vida como uma possibilidade de poder sempre contar postergar o fim do mundo e ter a possibilidade de contar mais uma história, transmitindo os saberes para as próximas gerações (KRENAK, 2019, p. 27). Assim, o vídeo cumpre como compromisso ético e estético com a reflexão e a elaboração de um

trabalho de arte engajado em refletir os tempos, como a cantora Nina Simone nos anos 60, durante a luta dos direitos civis pelo movimento negro, alertava que os artistas fizessem.

Na cena seguinte, com os joelhos no chão, acendi as velas em volta de um suporte de madeira no qual coloco textos e uma pequena imagem de Iemanjá. Ao fundo, dois desenhos sobre a parede representam Vitória e o ato de benzer, escolhi estrategicamente me posicionar diante dessas artes para gravar minhas performatividades, visto que nesse enquadramento, passado e presente se encontram em um só plano.

REFERENCIAL TEÓRICO

Os autores utilizados para essa pesquisa foram Grada Kilomba (2019) para discorrer acerca dos efeitos do colonialismo a partir de sua contribuição teórica sobre memórias negras. Em diálogo com Kilomba, nos baseamos no pensamento de Maurice Halbwachs (1990) a respeito da memória coletiva, conceito essencial para essa pesquisa. As perspectivas de Jorge Glusberg sobre a performance são incluídas pela visão sociocultural da mesma, que se faz necessária para compreender a videoperformance no contexto em que foi produzida. Ailton Krenak(2019) e Audre Lorde (2019) fundamentam o pensamento sobre a importância da narrativa, a contação de histórias e a ruptura com silenciamentos, cruzando o pensamento feminista negro da autora com a epistemologia originária do povo Krenak, buscamos linhas de pensamentos que reflitam a força intelectual da insurgência de vozes historicamente subalternizadas para um mundo melhor. Simone Sampaio e Gustavo Meneghetti (2021) nos auxiliam com a pensar a violência e a desigualdade como fatores fundamentais para a morte e precarização de grupos sociais vulnerabilizados, que tiveram suas vozes, existências e narrativas mais sucetíveis ao apagamento, a invisibilidade nesse período.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para Glusberg (2007, p. 72), a performance não pode ser pensada isoladamente, é preciso que se reflita sobre a mesma dentro de seu contexto cultural. Nesse sentido, diante da situação de calamidade pública que o Brasil e o mundo se encontravam durante o início do isolamento social, as rezas e intenções de cura me moveram a criar e imergir em minha própria história de vida, ao revisitar os repertórios da oralidade dos meus antepassados e lembranças de infância, como as visitas às casas das benzedadeiras e a importância da fé no meu ciclo social.

O reencontro com a história de Vitória me reaproximou das ervas, do ato de rezar, de minha família e, intensificou a minha compreensão sobre o papel das benzedeadas como mulheres que protegem suas comunidades e o seu povo. Em uma analogia que teci em relação ao isolamento social e as estratégias de se cuidar e lutar contra os resquícios de estruturas coloniais que seguem gerando feridas, lesões e traumas ao povo negro na Diáspora Africana, que assombra os descendentes dos africanos que tiveram seus corpos marcados por essas violações as suas humanidades (KILOMBA, 2019, p. 223).

Vitória (em memória) integrou a 5ª Edição da FRESTA – Mostra de Audiovisual Experimental, organizado pela Prof. Dra. Ana Maio e o Prof. Dr. Marcelo Gobatto, no ano de 2020, que tinha como tema Insurgências em tempos de isolamento. A partir dessa videoperformance fui convidado a participar de uma live na 5ª Edição da FRESTA, no eixo temático “Vidas Negras Importam”, que ocorreu em 06 de novembro de 2020. No encontro dialoguei com outras/os artistas comprometidas com o combate das violências coloniais, racistas e cisheteropatriarcais, como Mariana Massena, Luanda Francisco e Giuliano Lucas. Além de integrar a Mostra FRESTA, a videoperformance também integrou a exposição virtual “Curanderias e Ebulições”³, que fez parte da III Semana do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Regional do Cariri – URCA, na sessão temática “Curas”, que reunia “corpas e cenários inorgânicos em sinergia com outras formas de vida, terrenas e espirituais”, segundo o texto curatorial de Frederyck Sidou.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No processo de elaboração da videoperformance aprendi mais sobre a minha história familiar e pude refletir acerca da permanência das memórias e relevância das narrativas pessoais que dialogam com o privado e o íntimo, ao problematizar questões estruturais como o racismo, o genocídio da população negra, das pessoas LGBTQIA+, e as desigualdades e violências contra as mulheres, agravado diante do contexto social brasileiro pandêmico.

Para Sampaio e Meneghetti:

Nessa pandemia, o Estado também decide, direta ou indiretamente, quem pode viver e quem deve morrer. Para essa “pandemia”, não há previsão de retorno à

³

Exposição

Curanderias

e

Ebulições:

<https://sites.google.com/urca.br/curanderiaseebulicoes/in%C3%ADcio/curas?authuser=0>

normalidade porque ela própria faz parte da normalidade da vida social, principalmente nas favelas e nos bairros mais pobres das cidades brasileiras. (SAMPAIO e MENEGHETTI, 2020, p. 2)

Enquanto pensava sobre a videoperformance, corpos semelhantes a mim eram retratados em manchetes de violência policial na televisão. Isto me fazia pensar o quão necessário é um olhar negro e cuidadoso com as formas de representar e tratar a questão do genocídio negro e LGBTQIA+, uma vez que os corpos dissidentes de gênero e sexualidade que mais morrem, são negros. Para tornar o processo criativo mais sensível e trazer um sentimento de alento, insiro a minha bisavó como uma entidade ancestral aliada nessa busca e luta que se desdobra em práticas de videoperformance. Acendo velas para ela e para as pessoas que faleceram durante o isolamento social, deste modo faço meu ritual de despedida para aqueles que não pude ver partir devido ao caos pandêmico.



Figura 1. Frame do vídeo “Vitória”.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aBxEsIy9Wgk/>>.

Como figura que representa a tentativa de reconstrução de memórias fragmentadas pelo tempo, Vitória traz para o vídeo, como o significado de seu nome aponta, um desejo por vencer esse momento, um convite para um pacto ancestral e decolonial, em que no passado se encontrarão as respostas, em alusão ao conceito de Sankofa do povo Akan, que em tradução livre significa que “não há nada de errado em voltar para onde esqueceu algo, e seguir a partir dali”.

REFERÊNCIAS

GLUSBERG, Jorge. *A Arte da Performance*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

HALBWACHS, M. A **Memória** coletiva. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: Episódios de Racismo cotidiano. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Editora: Companhia das Letras, 2019

LORDE, Audre. **Irmã outsider**. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2019

SAMPAIO, Simone Sobral e MENEGHETTI, Gustavo. Entre a vida e a morte: Estado, racismo e a “pandemia do extermínio” no Brasil. **Revista Katálysis** [online]. 2020, v. 23, n. 03, p. 2. [Acessado 1 Outubro 2021] , pp. 635-647. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-02592020v23n3p635>>. Epub 16 Out 2020. ISSN 1982-0259. <https://doi.org/10.1590/1982-02592020v23n3p635>.